

38° Encontro Anual da ANPOCS

SPG 20 – Sexualidade e gênero: espaço, lugar e relações de poder

“Na rua não se paga entrada”: estilo, sexualidade e política em baladas de rua

Autor: Gibran Teixeira Braga (PPGAS/USP)

“Na rua não se paga entrada”: estilo, sexualidade e política em baladas de rua

Resumo: Neste paper, pretendo discorrer sobre a relação entre estilo, sociabilidade e sexualidade, atravessada por espaço e tempo. O trabalho de campo vem se desenvolvendo em certas festas que reúnem pessoas para dançar, ouvir música e paquerar, em ruas, praças e parques do Rio de Janeiro e de São Paulo. Tais festas se caracterizam por uma estética exuberante, seja na decoração, em performances ou no vestuário de boa parte dos presentes; as expressões erótico-afetivas também são das mais variadas, amparadas por um discurso da experimentação como um valor. Esse discurso de fluidez das expressões artísticas e sexuais se insere numa perspectiva de ocupação do espaço público e de liberdade, reforçada pelas recentes manifestações que tomaram a pauta da discussão política do país. Interessa aqui perceber quais são as possibilidades e os limites da afirmação de uma postura política em que o estilo - entendido aqui como um referente amplo de mobilização de sinais corporais, gostos musicais, estéticos e sexuais, recortados por tempo e espaço - é uma ferramenta de expressão de certas reivindicações, entre elas a do “direito à cidade” e de uma ocupação não-predatória e celebratória do espaço público.

Introdução

No presente paper, busco analisar a articulação entre estilo e política, tendo como principal foco um exemplo recente de ocupação temporária do espaço público no centro da cidade de São Paulo, o “Buraco da Minhoca”. A intenção é pensar a produção de uma *proposta*, no sentido empregado por Meccia (2011), que alia uma perspectiva anti-privatizante do lazer à ênfase na ocupação democrática e consciente do espaço público, através de um discurso que costura liberdade estética, sexual, musical e política. Essa *proposta* se concretiza na realização de festas abertas, gratuitas, onde pessoas se encontram para dançar, ouvir música, beber e paquerar, fora do circuito de *clubs* e boates fechados e pagos.

As cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro passam por um momento de proliferação de festas em espaços¹ públicos. Estas têm tomado cada vez mais praças,

¹ Para esse texto, usarei “espaço” no sentido mais consagrado pelo senso comum. Pretendo, no prosseguir

ruas, parques e até túneis. Tal dinâmica acontece em uma conjuntura particular do país, em que as manifestações políticas desencadeadas em junho de 2013 – cujas pautas principais podem justamente ser agrupadas sob o tema do chamado “direito à cidade” - deixaram marcas e suas reivindicações continuam na ordem do dia. O aumento do preço das passagens no transporte público das cidades do Rio e de São Paulo serviu como um catalisador da insatisfação popular acerca do crescente aumento do custo de vida nessas cidades. Os chamados megaeventos, como a Copa do Mundo de futebol, realizada nesse ano e as Olimpíadas, a serem realizadas em 2016 são considerados responsáveis ainda por reforçarem um crescente processo de gentrificação nessas cidades.

As festas de rua compartilham com os protestos certo discurso relativo à ocupação do espaço público, aliada a uma ideia de esgotamento do modelo de boates e *clubs* fechados e seus altos preços. Além disso, a relação das festas de rua com as diferentes esferas do poder público, como a polícia e órgãos da prefeitura, é ambígua e tensa, especialmente em São Paulo, epicentro da polaridade entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). A prefeitura da capital é governada pelo PT e o governo do estado está nas mãos do PSDB. A Polícia Militar responde ao governo do estado e constantemente entra em conflito com agências da prefeitura.

Vejam agora o caso do Buraco da Minhoca, cujos desdobramentos ilustram bem esse complexo quadro político.

O caso Buraco da Minhoca

O túnel que sai da lateral da Rua Augusta, passa por baixo da praça Roosevelt e dá acesso ao Elevado Costa e Silva (mais conhecido como “Minhocão”) vem sendo palco e objeto de debate desde o começo de 2014. O trânsito no elevado é interrompido todas as noites às 22h e aos domingos, durante todo o dia: instauram-se assim períodos em que boa parte do espaço do túnel não era utilizada – algumas pessoas em situação de rua eventualmente o usam como abrigo.² No entanto, na noite de 25 de janeiro deste ano, um novo uso desse espaço surgiu, dando origem a uma sequência de acontecimentos que

da pesquisa, refletir mais sobre as diferentes categorias e conceitos que essa palavra pode significar.

² Como veremos a seguir, o Elevado em si já era utilizado para lazer nos horários especiais.

articulam várias das questões que estão na pauta do debate em São Paulo e nas grandes cidades do Brasil, principalmente após os protestos iniciados em junho de 2013.

A localização do “Buraco da Minhoca”, nome dado pelos primeiros utilizadores do espaço é um dado importante para contextualizá-lo na cena urbana de São Paulo. Entre a Rua Augusta, a Praça Roosevelt e o Minhocão, está rodeado de espaços em que se materializam as controvérsias em torno da ocupação pública da cidade.

A Rua Augusta - especialmente o trecho entre seu início, a partir da Rua Martins Fontes, e a Avenida Paulista - passou, da segunda metade do século passado até hoje, por grandes transformações. Até a década de 1970 era vista como uma área de prestígio, com comércio refinado e intensa vida noturna. O crescimento da cidade e a invasão dos shoppings transformaram a ocupação da rua, que se tornara uma zona de casas de prostituição, vista como decadente.

Na década de 2000, a juventude começa a redescobrir a rua, que rapidamente se torna um reduto de bares e *clubs*, visto como *underground*. Mais recentemente, vem sendo foco de especulação imobiliária, processo que, se por um lado, fechou muitos comércios mais tradicionais e mesmo estabelecimentos de lazer noturno, como bares e boates, por outro lado, não impediu que a rua continuasse com uma cena noturna vigorosa, especialmente aos fins de semana. Esse processo e especialmente a sociabilidade da região da Augusta nos últimos anos vem sendo discutida por trabalhos na área da Antropologia, como as pesquisas de Facchini (2008); Vega (2008); França (2010); Simões et al, (2010); Puccinelli, (2013); Rocha, (2013).

Já a Praça Roosevelt, cujo entorno abriga bares e vários teatros, é muito frequentada por artistas e por skatistas, dada sua arquitetura propícia ao esporte. Essa utilização é motivo de disputas entre os esportistas, a Polícia Militar e a Guarda Civil Metropolitana há vários anos. A história da praça é cheia de altos e baixos: após um período de degradação entre as décadas de 1980 e 1990, passa por um processo de revitalização a partir da década de 2000, com a chegada da companhia de teatro Os Satyros, que ali se instalou, seguida por vários outros grupos de teatro.

O Minhocão é transformado em área de lazer nos momentos em que está fechado para o trânsito de automóveis, como aos domingos e todas as noites, a partir das 22h, utilizado pelas pessoas para caminhar, correr e andar de bicicleta, patins e skate. Além

disso, tem sido palco de uma programação dominical cada vez mais intensa, com festivais, manifestações artísticas, competições esportivas. Em março deste ano, com apoio da prefeitura, uma piscina foi instalada em pleno viaduto durante um domingo. Grande parte destas intervenções tem como mote a iniciativa de ocupar de maneira lúdica um dos elementos urbanísticos mais criticados em São Paulo. Um bom retrato do Minhocão pode ser visto no documentário “Elevado 3.5”, produzido em 2007 e dirigido por João Sodré, Maíra Buhler e Paulo Pastorelo.³

Em 25 de janeiro deste ano, a “criação” do Buraco da Minhoca inaugura mais um ponto nessa rede urbana. Segundo o DJ Chico Tchello, um dos organizadores do movimento que promove festas por lá, tudo começou depois de um protesto contra a Copa do Mundo, na Avenida Paulista⁴. Após os costumeiros ataques da polícia, Chico e o coletivo Organismo Vivo Parque Augusta, que luta pela abertura do grande parque que permanece fechado na rua homônima, decidiram descer para a Praça Roosevelt. A ideia era ficar por lá, ouvindo a música que sai da caixa de som amplificada que Tchello carrega consigo, pendurada como uma bolsa a tiracolo. O DJ chama atenção por onde passa: não é difícil cruzar com ele, caminhando pela Avenida Paulista ou sentado na Praça Roosevelt, com seus óculos quadrados de aros grossos, sempre ao som da MPB e dos sons eletrônicos que emanam de sua caixa.

Às 22 horas daquela noite, sob a argumento da lei do silêncio, a Guarda Civil Metropolitana expulsou-os da praça. O grupo então decidiu descer para o túnel, onde ficou dançando e ouvindo música, o que atraiu outras pessoas, transformando-se numa festa que foi até de manhã.

O local foi chamado por Tchello de “Buraco da Minhoca”, um trocadilho com o Elevado a que dá acesso, o Minhocão, e o nome de um conceito da física, *wormhole*, traduzido geralmente como “buraco de minhoca” ou “buraco de verme”, que supõe uma característica topológica do continuum espaço-tempo. Um buraco de minhoca possui pelo menos duas bocas conectadas por uma “garganta” ou “tubo”, por onde a matéria poderia atravessar de uma boca a outra. Tratar-se-ia de um atalho ligando um ponto a outro ponto distante do universo a partir do espaço-tempo.

³ Pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=FTRWnRFMQnc>, acessado em 27/08/2014.

⁴ O relato pode ser lido em <http://www.oesquema.com.br/bateestaca/2014/03/17/a-balada-que-e-a-cara-de-sao-paulo-hoje-acaba-de-ser-legalizada/>, acessado em 30/08/2014.

Na página do Buraco da Minhoca no Facebook⁵, pode-se ler a descrição: “O buraco da minhoca é uma passagem para outra dimensão de utilização consciente do espaço público”, que remete ao conceito da física, ao mesmo tempo em que aponta para a demanda que liga as festas aos protestos. Essa página foi criada por Chico Tchello logo após a primeira festa, e menos de um mês depois, outra grande festa aconteceu lá, a *Circolando no Buraco*.

Semanas depois, em pleno carnaval, a primeira edição no Buraco da já famosa festa *Capslock* foi interrompida pela polícia, sob a alegação de falta de autorização. Mesmo assim, no domingo após o carnaval, dia 9 de março, outra edição da *Capslock* foi realizada lá. Foi também a minha primeira “entrada” no Buraco.

Na semana seguinte, veio o anúncio, através da página do Buraco, de que a prefeitura havia regularizado o uso do espaço para festas. Isso é parte de um conjunto de ações que a gestão do PT vêm realizando acerca desses eventos. O atual prefeito, Fernando Haddad, é bem mais simpático à ocupação de espaços públicos do que o anterior, Gilberto Kassab, que foi membro do DEM e atualmente está no PSD. É outro aspecto da polaridade citada acima, já que esses partidos são aliados recorrentes do PSDB. Além disso, o próprio Kassab assumiu pela primeira vez a prefeitura de São Paulo substituindo José Serra (PSDB), de quem era o vice-prefeito, quando este renunciou para se candidatar ao governo do Estado.

Tempo, espaço e políticas do estilo

A discussão sobre a relação entre política e lazer que o caso do Buraco da Minhoca ilustra aqui é um dos eixos de minha pesquisa de doutorado⁶, em que busco compreender a articulação entre estilo e outros marcadores sociais da diferença. Com este enfoque, tenho realizado trabalho de campo em festas abertas ao público que reúnem pessoas para ouvir música, dançar, beber e paquerar, realizadas nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Algumas festas acontecem em locais fechados, como clubes e boates; outras em espaços públicos como as trabalhadas nesse paper.

⁵<https://www.facebook.com/pages/Buraco-da-minhoca/240801296089491?sk=info>, acessada em 30/08/2014.

⁶Realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/USP); conta com o apoio da FAPESP.

O conceito de estilo é entendido aqui como um referente amplo de mobilização de sinais corporais, gostos musicais e estéticos e preferências erótico-afetivas, localizados em recortes articulados de tempo-espaço. Assim, penso que o estilo, além de ser um “grupo de referências estéticas e um capital cultural compartilhados” (ROCHA, 2013) que possibilita a identificação com semelhantes, é uma categoria que circula no universo pesquisado; o estilo não é somente pessoal, inscrito no sujeito, como também interage com o contexto em questão, tomando formas diversas de acordo com o evento e a sociabilidade específica de determinados momentos. Nas palavras de Regina Facchini (2008):

[...] os estilos não são produzidos por sujeitos pré-dados, que agem de maneira inteiramente consciente em relação aos efeitos a serem provocados pelas mensagens comunicadas por dada composição de aparência, atitude e música. Os sujeitos são constituídos no processo de citar e deslocar normas sociais e isso pode se dar no processo de composição de um estilo. (pp. 107-108)

Tenho buscado, em minha pesquisa, perceber qual é o papel das festas em tal processo de composição do estilo. Interessa aqui pensar não só a citação e o deslocamento das normas sociais em relação ao sujeito, mas também a citação e o deslocamento do próprio estilo nas dinâmicas espaço-temporais que compõem a sociabilidade de diferentes sujeitos.

O conceito de estilo que vem se mostrando útil então é mais amplo do que geralmente se vê em estudos sobre sociabilidade, em que este costuma aparecer “colado” ao sujeito, dizendo respeito aos elementos que cada pessoa mobiliza em seu corpo, como vestuário, penteados, acessórios, posturas; poderíamos chamá-lo de “estilo pessoal”. Aqui, me aproximo mais da definição de Susan Sontag, para quem “sempre que um discurso ou um movimento ou um comportamento ou um objeto exibir um certo desvio do mais direto, útil, insensível modo de expressão ou estar no mundo, podemos olhar para eles como tendo um 'estilo'.” (SONTAG apud HALPERIN, 2012, p. 366, tradução minha.)

O uso do termo “festa” é duplamente importante, já que além de ser a categoria êmica para designar os eventos que pesquiso, enfatiza o caráter temporal, fundamental para entender as dinâmicas que se desenrolam no campo. Um mesmo espaço físico, como um bar, uma boate, uma rua ou uma praça, pode ser palco de diferentes festas, de acordo

com o dia em que se realiza. A música, a decoração e o público tendem a variar de festa para festa.⁷

Alto então a estilo pessoal a ideia de *proposta*, de Ernesto Meccia (2011), que procura dar conta das características de uma festa. Meccia, ao analisar o que ele define como “era gay” na cena noturna atual de Buenos Aires, fala sobre uma primazia de “propostas” sobre “lugares” - processo chamado pelo autor de “desenclave espacial”. Sendo assim, é preciso pensar a relação entre os atores e as propostas de maneira recíproca: se a frequência a determinadas festas informa seu estilo, a dinâmica das festas oferece um quadro que favorece certas expressões e inibe outras. O trabalho de Isadora Lins França (2010), que pesquisou três diferentes espaços de sociabilidade frequentados por homens que se relacionam afetivo-sexualmente com iguais, pensando sexualidade, interseccionalidade e consumo, aponta também para tais relações de reciprocidade.

O Buraco da Minhoca, especificamente, provoca também uma complexificação da categoria “festa”, já que o título “Buraco da Minhoca” é utilizado para nomear várias coisas diferentes. A depender do contexto, o Buraco pode designar uma festa, o espaço onde esta acontece, o coletivo que instituiu essa ocupação do túnel ou ainda a forma de ocupação.

Na página do Buraco no Facebook, em meio ao uso do termo como o nome do lugar, como vimos acima, aparece também: “O Buraco da Minhoca surgiu como uma *utilização* pública, coletiva, colaborativa, espontânea, sem fins lucrativos e consciente do espaço público”, aludindo à forma de uso do espaço⁸. Ou ainda “O Buraco da Minhoca é uma *ocupação* colaborativa 'eventual' de um espaço público ocioso no período noturno, mas não a apropriação do local.” Matéria veiculada na Veja SP por duas vezes se refere ao “*local* batizado como Buraco da Minhoca”, mas na primeira frase lê-se: “o *movimento* Buraco da Minhoca, que promove festas no túnel sob a praça Roosevelt” (ênfases minhas). Além disso, alguns interlocutores com quem conversei, bem como outras veiculações na mídia impressa, se referiam ao Buraco como uma *festa*.

Assim, o caráter de fusão do espaço-tempo pretendido pelo uso do conceito da física, como visto acima, reaparece nas próprias representações acerca do Buraco. Mais

⁷ Rocha (2013) também notou a relevância de cada festa no contexto do Baixo Augusta.

⁸ https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=276492522520368&id=240801296089491, acessado em 30/08/2014.

do que isso, o significado do termo é estendido, podendo se referir também ao sujeito coletivo, quando denomina o grupo que criou a ideia e organiza os eventos. Portanto, melhor do que *feira*, a noção de *proposta* parece adequada para pensar nesse campo, uma vez que confere ao fenômeno um caráter menos substancializado e menos delimitado em termos de tempo e espaço, além de contemplar a ideia de um modo de uso do espaço. O blog “Bate-Estaca”, escrito por Camilo Rocha, DJ consagrado na cena paulistana e pelo país afora e espécie de porta-voz do mundo da eletrônica brasileira, escreveu uma matéria sobre o Buraco que o define como um “resumo de conceitos”, o que se alinha à perspectiva que venho expondo aqui:

O Buraco da Minhoca é um resumo de conceitos legais de São Paulo, de ontem e hoje: o faça-você-mesmo do punk, o hedonismo maratonista da música eletrônica, a capacidade realizadora dos coletivos, a reocupação do Centro e a retomada das vias públicas.

A definição do blog indica a relação entre política e estilo, a partir das demandas de direito às ruas e ocupação do espaço público, que remetem diretamente à onda de protestos iniciada em junho de 2013. Aqui, essa ocupação tem um forte aspecto estético: são os coletivos que produzem arte, música, dança, performance. O caráter temporal aparece novamente, agora como uma referência de estilo. O “ontem” e o “hoje” tem uma imagem: a inspiração do punk, movimento exemplar de articulação entre política e estilo na década de 1970, trabalhado por Dick Hebdige (1979), e a cena eletrônica que explodiu entre as décadas de 1980 e 1990.

Esse caráter aglutinador insere o Buraco da Minhoca no debate mais amplo de “direito à cidade”. O Buraco pode ser lido como uma das “desordens” e uma forma de “agir urbano”, nos termos de Michel Agier, tornando-o um *locus* para o exercício de uma antropologia da cidade:

Entre o privado e o anonimato, o demasiado próximo e o demasiado longínquo, existem espaços intermediários, ocasionalmente familiares, lugares vagos, desviados ou apropriados, que fornecem as condições de possibilidade de um 'agir urbano', atraindo, geralmente as formas de ocupação ou de invasão urbana, de instalação artística ou de manifestação política. Encontramos, pois, na política, situações urbanas criadas por esses movimentos, essas iniciativas, essas “desordens”, a mesma episteme – modo de conhecimento e de apreensão do mundo que prevalece na antropologia situacional, *démarche* forjada e desenvolvida na investigação urbana fora da (e às vezes contra a) restrição das definições restritivas e normativas da cidade. (AGIER, 2011, pp. 42-43)

Entrando no Buraco

À noite, o teto da primeira parte do Buraco da Minhoca é coberta por uma série de fortes lâmpadas, que iluminam a entrada do túnel a partir da Rua Augusta. No contexto das festas noturnas, a impressão que tal iluminação provoca é de uma espécie de ante-sala, que antecede a pista de dança improvisada ao redor da mesa de som, sempre instalada mais pra dentro do túnel, onde a iluminação é mais leve. Não à toa, algumas matérias feitas para televisão no local ocupam esse espaço anterior, aproveitando a abundância de luz.

Ao redor da “pista”, encontram-se vendedores ambulantes que fornecem o apoio etílico aos frequentadores da festa. A parte posterior e mais interna do túnel serve de banheiro improvisado, principalmente para homens, que utilizam as reentrâncias da parede do túnel como mictórios. Assim, poderíamos estabelecer um paralelo com a estrutura de uma boate e seus diferentes ambientes: entra-se pelo *lounge*, passando pelo bar, chegando à pista de dança e por fim, aos banheiros.

As roupas do público geralmente fogem do básico jeans e camiseta para os rapazes e vestido ou saia para as moças. No verão, foi comum ver lá homens usando camisetas regata bem cavadas e shorts curtos, as duas peças quase sempre estampadas. Muitas mulheres ostentam *looks* caprichados, com penteados alternativos e maquiagem marcante; outras exibem visual mais despojado, flertando com referências hippies, que aparecem também no visual de alguns homens. Barbas de todos os tipos abundam também. Em muitas cabeças de moças e rapazes, o penteado conhecido como *dreadlocks*, oriundo do movimento rastafari, que consiste em formar aglomerados cilíndricos de madeixas, compondo “cordas” que pendem da cabeça, algumas vezes muito compridas, podendo descer abaixo da cintura.

A presença de pessoas com *dreadlocks* em festas como a *Capslock*, em que predomina a música eletrônica, indica certa fusão de estilos característica dessa cena contemporânea, em que referências estéticas associadas a uma herança *hippie* e à ligação com a natureza convivem com visuais mais ostensivamente urbanos e associados ao mundo da moda, típicos da cena *club*, cuja história no Rio de Janeiro e em São Paulo

remonta à década de 1990.⁹ Numa percepção enviesada por minha própria trajetória, posso afirmar que cada vez mais vejo rapazes que me parecem gays com esse penteado, suposição que penso estar relacionada à observação acima.

Porém, certamente eu não poderia estabelecer uma clara associação entre estilo/apresentação pessoal e preferências eróticas, especialmente nessa cena: os rapazes variam muito na apropriação de símbolos de masculinidade e na ressignificação de outros marcadores de gênero expressados pelo estilo. Muitas vezes até que se perceba certa movimentação de flerte, a dúvida permanece.

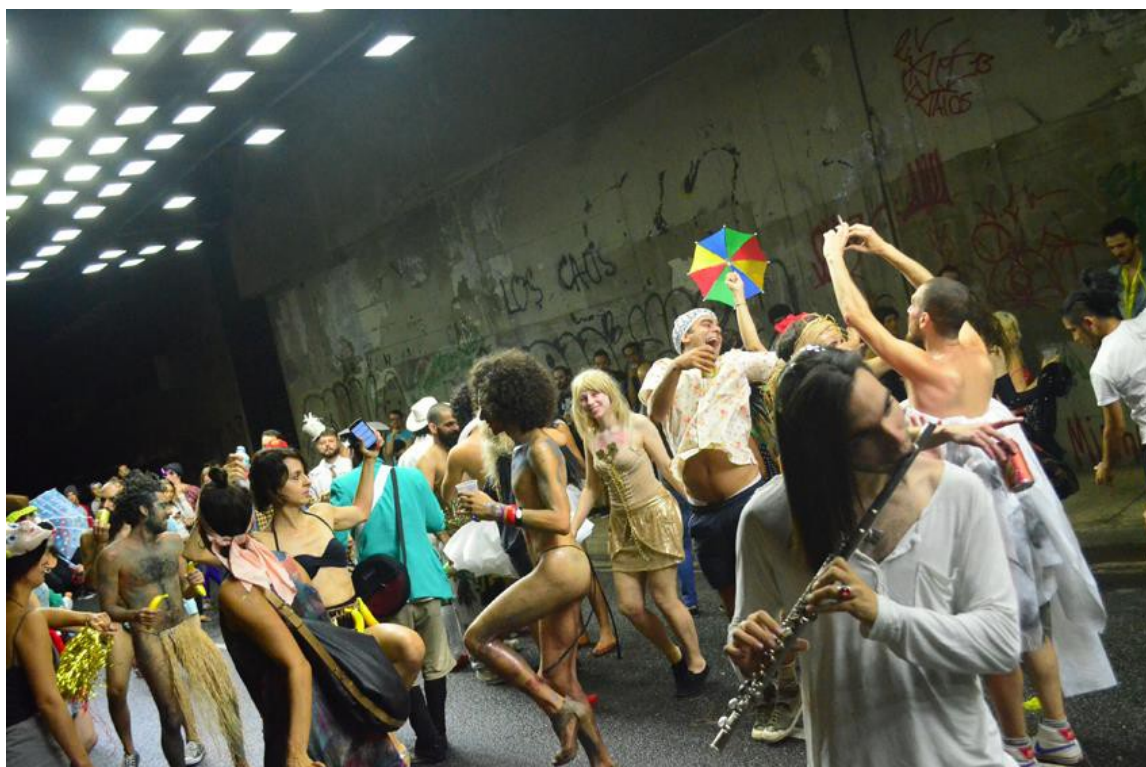
Na *Capslock* realizada no Buraco, a dúvida surgiu também sobre um rapaz que ostentava um cabelo volumoso de um loiro tingido brilhante, como um clássico cabelo de príncipe de contos de fadas – o que lhe rendeu entre meu grupo o apelido de “Príncipe Adam”. Meu amigo Bruce, que fora comigo, comentou seu estranhamento ao fato de que, apesar do cabelo sugerir que Adam fosse gay, sua dança parecia “de hetero”. Essa impressão era reforçada pelo fato do amigo que o acompanhava usar roupas largas, em um estilo que classificamos como algo entre “skatista” e “mano”, o que lançava dúvidas aos nossos olhares culturalmente adestrados.

A *Capslock* certamente desafia nossos sentidos do combo gênero-estilo-sexualidade. Um caso parecido foi o de uma moça que usava uma camiseta larga; um short solto que não marcava o corpo nem tinha elementos classicamente associados ao feminino; cabelos curtos um pouco desalinhados, e um rosto bastante andrógino desprovido de maquiagem. Sua amiga, ainda mais andrógina, tatuada, vestindo short e regata ainda mais largos e com uma postura sedutora e uma malemolência “malandra” tipicamente vista como masculina, reforçava a ideia de que fossem uma dupla de lésbicas. Porém, a primeira estava aos beijos com um homem, sem que eu pudesse perceber se se tratava de algo efêmero ou com algum grau de intimidade. Ressalte-se que, nessas festas, é comum que amigos de várias performances de gênero e tipos de sexualidade se beijem, portanto, não se trata de afirmar nada além do deslocamento das ideias preconcebidas baseadas em padrões binaristas que certamente impregnam meu próprio olhar. Nessa mesma edição, um casal de homens com maquiagem carregada me chamou atenção também; sua maquiagem remetia não tanto a rostos femininos, mas a

⁹ Ver Eugênio (2006) e Palomino (1999).

piratas, imagem incrementada pelos vastos cabelos escuros e cacheados, além das muitas peças de roupa sobrepostas.

Nas festas do Buraco, uma androginia estilizada remete aos anos 70, incrementada pelo abuso de purpurina, fenômeno recorrente nas festas de São Paulo e do Rio de Janeiro.¹⁰ Barbas com glitter e roupas de brechó evocam figuras famosas do período no Brasil, como a trupe Dzi Croquettes¹¹ e o cantor Ney Matogrosso. Podemos pensar então em certo alinhamento do discurso de experimentação às expressões estéticas e eróticas, que desloca pressupostos de gênero no estilo das roupas, e pressupostos de sexualidade, ao celebrar a fluidez e circulação nos contatos eróticos ensejados nas festas.



Na figura acima, que retrata uma festa no Buraco, podemos ver dois homens semi-nus, um com uma espécie de saia de palha, outro com uma exígua calcinha e saltos altos. Em primeiro plano, vemos ainda um rapaz tocando flauta e, no fundo da foto, alguém erguendo um guarda-chuva colorido, típico acessório utilizado para dançar frevo, ritmo musical e dança originários do estado de Pernambuco, no nordeste do país.

¹⁰ Sobre esse aspecto nas festas cariocas, ver <http://odia.ig.com.br/diversao/2014-04-06/quanto-mais-purpurina-melhor-da-boate-a-praia-se-encher-de-glitter-vira-mania.html>, acessado em 30/08/2014.

¹¹ Sobre os Dzi Croquettes, ver Lobert (2010).

A música varia tanto quanto o estilo pessoal dos frequentadores. Na *Capslock*, o som atravessa as vertentes da *disco music*, como a *nu disco* e a *space disco*, chegando a uma *house music* empolgante sem, no entanto, corresponder à *house* mainstream, que há alguns anos passou a tocar nas rádios. Em outras festas lá, como a *Vaca Dionisiaca*, diversos gêneros nacionais apareciam, às vezes em novas roupagens e remixes. Assim, pode-se ouvir desde “Agora só falta você”, canção de 1975 na voz de Rita Lee, passando por um remix de algum sucesso da década de 1980 da banda de rock Barão Vermelho, chegando a uma versão *tribal house* de “Da lama ao caos”, sucesso de 1994 da paradigmática banda Nação Zumbi, líder do movimento musical pernambucano conhecido como *mangue beat*.

Diversão consciente, diversão inconsequente: a polêmica da *Skins Under Party*

Em maio, um novo episódio acendeu a controvérsia envolvendo o Buraco, não mais diretamente entre o poder público e os organizadores, mas entre estes e uma festa privada, que fechou o espaço, permitindo a entrada somente de quem havia pagado previamente. A festa *Skins Under Party* se caracteriza por manter o local de realização em segredo: adquire-se o ingresso, e é divulgado um ponto de encontro de onde os pagantes são conduzidos ao local de realização da festa.

Sendo assim, ninguém além da organização havia tomado conhecimento prévio de uma festa no Buraco da Minhoca. Aos que passavam e viam o túnel coberto por tapumes, com seguranças na frente, a alegação era de que estaria acontecendo a gravação de um vídeo. Um rapaz comentou na página do Buraco:

Costumo vender cerveja na Pça Roosevelt. No dia, cheguei e vi uma ambulância do SAMU entrando e um pessoal entrando rapidão também, ai perguntei o que estava acontecendo. Uma mulher me disse que seria gravado um "comercial para a Copa". pensei "ah, normal", peguei meu carrinho e subi para a praça. Lá pela meia noite, quando ia embora, passei pela porta do túnel e vi uma multidão e um som bem alto, ai questionei 2 ou 3 pessoas sobre o que tava "pegando" ali. Pasmem, eles estavam treinados para falar a mesma coisa!!! "É comercial para Copa!", os três me disseram a mesma coisa, FDP! Ai ganhei a cena! Na mesma hora comecei a xingar os caras, fiquei revoltado! Como assim, utilizaram o espaço público para uma festa privada!!!?? Eu e mais alguns que também não concordamos com aquilo quase forçamos uma entrada forçada e gratuita! Só que essa porcaria de transporte público ainda não é 24H em SP, ai tive que sair fora. Debati com 2 seguranças, eu os questionei sobre o por que de estarem mentindo para as pessoas que pediam informações, a resposta: "é maior do que eu e você, cara, deixe isso pra lá". Na

mesma hora, ainda revoltados e indignados, pois sabemos o esforço do coletivo para trazer VIDA não só àquele espaço, bem como a inúmeros outros como a própria Praça Roosevelt há 12,14 anos atrás, começamos a gritar "playboys otários"!!!! foi uns 20 min de revolta, saímos fora e procuramos aqui nas redes que porra de empresa ou organização fez aquela merda. Ainda estou revoltado, se foi festa privada em espaço público, quero a minha parte no lucro!¹²

Podemos ver no depoimento do rapaz a ênfase no projeto coletivo de cuidado, não só do Buraco, mas de um esforço de frequentadores e gente que trabalha na Praça Roosevelt em cuidar do espaço. A perspectiva do cuidado aparece no discurso dos vários grupos que tem promovido ações no espaço público da cidade, não como um intento de vetar a utilização do espaço, mas de promover um uso público, colaborativo e democrático. A própria página do Buraco da Minhoca foi a divulgadora do uso semi-clandestino da festa privada; no dia seguinte, lá foi postado um texto de protesto com fotos de montanhas de lixo deixadas no local, além de algumas das lâmpadas que iluminam o teto do túnel que teriam sido danificadas. Nas festas abertas em que estive, pude constatar que foram espalhados grandes cestos de lixo que, no geral, são utilizados pelos frequentadores. Segundo os coletivos, em suas festas, o lixo é recolhido voluntariamente em mutirão ao fim de cada festa. Essa era uma das questões levantadas pela “nota de repúdio e esclarecimento” postada no dia seguinte:

Ontem o Buraco da Minhoca foi fechado por uma produtora privada para uma festa privada, a Skins Under Party. Qualquer pessoa que tentasse entrar que não fosse "autorizada" pela produção era impedida pelos seguranças privados contratados por eles. Registramos aqui nosso repúdio a esses eventos, que utilizam de um espaço público, com interesses privados sem qualquer tipo de responsabilidade. O lixo produzido foi abandonado, evidenciando o descaso com o bem comum. Porque segurança privada e não limpeza privada? Visamos também esclarecer que tal ação não tem nenhuma relação com as atividades que organizamos no Buraco da Minhoca.¹³

O episódio repercutiu bastante na mídia, com matérias em grandes veículos, como o diário Folha de São Paulo e a revista semanal Veja SP, como já havia sido na ocasião do surgimento do Buraco. Segundo a prefeitura, “havia permissão apenas para uma gravação que previa a instalação de banheiros químicos para os figurantes” e “a autorização de

¹² <https://www.facebook.com/pages/Buraco-da-minhoca/240801296089491?fref=ts>. Opto por reproduzir os trechos extraídos da internet em sua grafia original.

¹³ <https://www.facebook.com/media/set/set=a.276356919200595.1073741840.240801296089491&type=1>, acessado em 30/08/2014.

filmagem previa a obrigatoriedade de limpeza do local”.¹⁴ A resposta da festa Skins se limitou a dizer que se tratara da gravação de um videoclipe e que o lixo fora “organizado” e deixado para coleta e ainda levantou suspeitas sobre quem haveria espalhado o lixo:

Desde o princípio o lixo gerado era um preocupação, e por isso uma equipe de faxineiros foram contratados pela produtora que estava gravando o clipe. E esses mesmos PROFISSIONAIS DA LIMPEZA fizeram um ótimo trabalho, organizando e separando todo o lixo para a coleta que seria realizada mais tarde. Somos prova disso, pois quando saímos de lá, estava tudo bem organizado. Não sabemos exatamente o porque de algumas pessoas terem feito aquilo com o lixo que estava arrumado, mas queremos deixar aqui nossa defesa a produtora responsável pela gravação, pois hoje percebemos definitivamente o quanto a INTERNET pode ser usada para distorcer os fatos, talvez até mais do que a televisão. Ainda estamos tentando entender o que aconteceu com o lixo, até cogitamos se a pessoa que tirou a foto, não pode ter sido a mesma que foi lá rasgar o lixo, mas acho que se ela registrou, é porque também se preocupa com a sujeira na cidade.¹⁵

Já a página do Buraco fez outra postagem em que detalha mais sua posição em relação ao caso, reforçando as críticas que iam além da questão do lixo e produzindo uma espécie de manifesto em que se afirmam os valores de sua ideia de diversão em contraste com uma diversão privatizada e mercadológica.

O Buraco da Minhoca surgiu como uma utilização pública, coletiva, colaborativa, espontânea, sem fins lucrativos e consciente do espaço público. Sua repercussão e interesse da comunidade deu-se justamente como uma resposta a um modelo específico e ganancioso de casa noturna (obviamente não todas, mas em número bastante crescente), onde certas empresas cobram caro pela diversão alheia usando como isca a pirotecnia vazia ; onde alguns empresários exploram a noite paulistana pensando apenas em grana e assim retroalimentam estes espaços pela imagem da balada, que é baseada na perpetuação da segregação de público por perfil, geralmente uma cópia estética de alguma balada gringa do mesmo naipe. São as baladinhas "posers", onde o ideal é entupir seus frequentadores com álcool para eles poderem se soltar de verdade e gerarem além de lucro, imagem de gente pseudo livre e descolada, sempre adolescentes e jovens adultos, mais suscetíveis a autoafirmação pelo consumo e estas imagens capturam mais clientes sempre iguais para seus eventos, que visam apenas lucro para os seus produtores, nada interessados em questões de responsabilidade social pelo espaço privado, que dirá pelo espaço público. Os organizadores do Buraco da Minhoca, que são muitas pessoas, artistas e sociedade civil organizada em grupos e coletivos diversos, não são contra portanto, empresas de entretenimento, casas noturnas e festas privadas por sua natureza em si, afinal ainda vivemos num mundo capitalista e há várias formas de sobreviver da arte, cultura e entretenimento neste contexto. O que questionamos é até que ponto o uso da

¹⁴ <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1460491-grupo-fecha-tunel-do-centro-de-sp-para-festa-cobra-r-90-e-abandona-lixo.shtml>, acessado em 30/08/2014.

¹⁵ <https://www.facebook.com/SkinsUnderParty/posts/679271848786562>, acessado em 30/08/2014.

diversão com apenas o único propósito de ganhar dinheiro a qualquer custo pode vandalizar espaços públicos.

No trecho acima, podemos ver como, no bojo da crítica à *Skins Under Party*, a proposta do Buraco da Minhoca foi rerepresentada. Tratar-se-ia da iniciativa de produzir uma modalidade de festas que não passasse pela lógica do lucro dos estabelecimentos e produtores, mas pela colaboração. Além disso, questiona a ligação entre o consumo de bebida alcoólica e a produção de uma imagem de liberdade. Essa é uma reclamação mais ou menos frequente de um público mais velho em relação à cena urbana contemporânea: a imagem de adolescentes “enchendo a cara”, em contraponto a um suposto passado de festas frequentadas por gente “mais interessante”, onde a música era mais importante que o álcool.

Há também a crítica à segregação pelos preços das casas noturnas e à perpetuação de um perfil específico que seria uma “cópia estética de alguma balada gringa”. Tal crítica, por sua vez, parece refletir um esforço de boa parte das festas “de rua” em incorporar elementos associados a certa brasilidade nas músicas tocadas, com cada vez mais produções nacionais de diversas épocas e estilos, além de músicas e coreografias com inspiração afro-brasileiras. Uma reivindicação de cunho racial também é expressa na indumentária de muitos participantes: há uma profusão de turbantes, estampas africanas e penteados que valorizam os cabelos crespos, além de uma proporção de pretos e pardos muito maior do que a habitual em festas promovidas pela classe média intelectualizada e artística.

É interessante notar que o texto se apóia em pressupostos psicologizantes ao associar juventude a uma suposta suceptibilidade à “autoafirmação pelo consumo”, produzindo uma distinção entre uma diversão “consciente” - a das festas organizadas pelos coletivos, geralmente protagonizadas por pessoas um pouco mais velhas, entre 25-35 anos - e a de jovens e adolescentes capturados por um sistema de lazer capitalista. Seriam os “*playboys* otários” a que se refere o vendedor de cerveja da Praça Roosevelt. Diferentes dos frequentadores das baladas “politizadas”, estes consumiriam a “pirotecnia vazia” das “baladinhas posers”.

A questão do lixo aparece associada à crítica à produção do lucro sem responsabilização pelo espaço:

[...] não há justificativa para uma empresa que lucra com festas e embute no preço da entrada também o valor do trabalho dos faxineiros em ambiente privado, não se responsabilizar também financeiramente pela coleta e descarte do lixo produzido em espaço público, deixando este ônus de qualquer jeito para o poder público e embolsando também a grana que teria que gastar com a limpeza e lucrando ainda mais.

A seguir, a postagem aponta um dos principais efeitos das festas abertas ao ar livre, que é a relativa permeabilidade dos eventos aos diferentes “ocupantes” da rua. Como não há seguranças, listas ou pagamento de ingressos, é comum a participação nas festas de pessoas que moram, dormem ou trabalham nas ruas. De fato, em todas as dezenas de edições das festas em que estive, havia pelo menos uma pessoa nesse perfil bebendo, dançando ou apenas assistindo à festa.

Deixamos claro à comunidade, que esta festa Skin Under Party não representa o Buraco da Minhoca e é o oposto do que tanta gente ali pretende para o espaço, de forma colaborativa e sem fins lucrativos. Queremos desfrutar de um ambiente público onde justamente não haja segregação do espaço, onde as pessoas de todos os tipos, incluindo os moradores de rua possam fazer parte e integrar-se. Ao fecharem a entrada do túnel e filtrarem a entrada de pessoas por perfil ou pagantes, as empresas envolvidas barraram a entrada dos moradores de rua que historicamente utilizam aquele local também como moradia e proteção contra a chuva daquela madrugada fria.

Por fim, é questionada a legislação sobre eventos no espaço público. As exigências da lei terminariam por privilegiar as iniciativas de empresas, que poderiam arcar com os custos da infra-estrutura requerida, ao contrário dos coletivos que não têm fins lucrativos:

Gostaríamos também de informar a população, que oficialmente para um evento privado com esta estrutura acontecer, ele precisa passar pela secretaria de licenciamento da prefeitura e obter a licença SEGUR 3, além do alvará de uso do solo. Foram baseadas nessas exigências burocráticas que a prefeitura em um certo momento não autorizou o uso noturno do espaço pelos coletivos populares envolvidos no Buraco da Minhoca, pois por não termos fins lucrativos e nem captarmos recurso com venda de bebida alcóolica em espaço público, não tínhamos como nos enquadrar nas exigências da licença de segurança, como aluguel de ambulância (cerca de 2 mil reais), segurança privada (para segregar ainda mais o espaço público), aluguel de banheiros químicos e outras exigências desta natureza para eventos na rua, que fazem com que apenas empresas privadas possam realizar eventos ali desta forma, minando a expressão da cultura popular em espaços públicos. Mesmo assim, curiosamente a grande discussão nos bastidores dos coletivos e pessoas envolvidas no Buraco da Minhoca, tem sido a preocupação com a captação do lixo produzido no local e formas criativas de convidar as pessoas a se responsabilizarem pela produção e destino do lixo no momento do uso do espaço. [...] Então o mais paradoxal e burro desta legislação vigente sobre o uso do espaço, é desautorizar a cultura

popular, pessoas realmente preocupadas com uso coletivo, sem fins lucrativos, consciente e social do espaço e incrivelmente autorizar empresas que vandalizam e privatizam o espaço para fins comerciais e nada mais. É preciso mudar este cenário com urgência!!! A cidade de São Paulo merece mais respeito e é hora da prefeitura rever esta legislação herdada e estranha para uso do espaço público, pois ela não compreende nem protege os coletivos de rua realmente preocupados socialmente com o uso do espaço público, ao contrário, são legislações que beneficiam legalmente apenas empresas de entretenimento desta natureza e desestimulam pessoas, grupos e coletivos que querem voltar a estar na rua e promover cultura popular e espontânea.

A alusão a uma “legislação herdada” faz sentido, na medida em que, como vimos, a atual gestão da prefeitura, no poder desde 2013, tem se mostrado mais aberta às manifestações artísticas, esportivas e da lazer no espaço público. Assim, o recado passado parece ser o de reconhecer a boa vontade do prefeito atual, ao mesmo tempo em que se acena para a necessidade de aprofundar o redirecionamento de tal política. Passemos, então, a uma análise mais ampla das festas na cidade e a relação com a política e as demandas renovadas pós-junho de 2013.

A rua em disputa

A matéria do “Bate-Estaca” sobre o Buraco sugere uma associação direta entre um posicionamento da prefeitura e a proliferação das festas de rua, ressaltando ainda o caráter conservador do PSD, partido fundado pelo prefeito anterior, Gilberto Kassab:

Em janeiro deste ano, Haddad vetou o projeto de lei que proibia a utilização de vias públicas para a realização de bailes funk e qualquer outro evento musical/cultural que não tenha sido pré-aprovado pela prefeitura - vale lembrar que o projeto era de autoria dos vereadores Conte Lopes, do PTB, e de Coronel Camilo, do PSD, ex-comandante da Rota¹⁶. O fim da proibição abriu espaço para manifestações culturais eventuais, em um começo de ano também marcado pelo primeiro Carnaval no qual os blocos de rua foram oficialmente autorizados pela prefeitura.¹⁷

A prefeitura vem se aproximando dos eventos de rua desde o início dessa gestão, no ano passado. Várias das festas de rua, como a já citada *Capslock*, a *Calefação*

¹⁶ Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, força tática da Polícia Militar de SP.

¹⁷ <http://www.oesquema.com.br/bateestaca/2014/03/17/a-balada-que-e-a-cara-de-sao-paulo-hoje-acaba-de-ser-legalizada/>, acessado em 30/08/2014.

Tropical, a *Voodoohop* e a *Selvagem*, entre outras, integram a programação de eventos oficiais regulares. Um exemplo é a Virada Cultural, evento organizado anualmente pela prefeitura, em que vários pontos de cidade apresentam programação cultural ininterrupta durante um fim de semana. Nas últimas edições, o número de festas que fazem parte da programação vem aumentando. Além disso, em fevereiro desse ano, a prefeitura realizou o festival SP na Rua, parte das comemorações do aniversário da cidade. O evento contou com uma série de tendas espalhados por pontos do Centro Histórico de São Paulo, cada uma delas ocupada por uma das festas que vem acontecendo em espaços públicos da cidade nos últimos tempos.

O “Bate Estaca” comentou também esse evento, com um texto em que celebrava o caráter democrático e o potencial político do sucesso do evento, já que foi uma aposta na madrugada das ruas do Centro Antigo, espaço e tempos vistos como encarnação do perigo. Nas palavras do autor,

Leitor e cidadão, aqui vai uma verdade incontestável: os atos mais políticos muitas vezes não precisam de palanque ou cartaz. A maneira mais eficiente de arrebanhar para uma causa não passa necessariamente por marchas ou gritos de ordem. [...] dia 9 de fevereiro, o festerê do SP na Rua nos trouxe um grande exemplo de como isso funciona. Foi a noite em que a pista de dança venceu o medo. O SP na Rua juntou uma porção de coletivos de cidade para promover um baile a céu aberto, fazendo de salão as ruas do Centro antigo dessa cidade judiada.¹⁸

Um certo exagero na “politização” do evento é compreensível, se pensarmos o histórico paulistano de privatização do lazer e da cultura do medo, alimentada pela grande mídia. Se, por um lado, não se pode prever o efeito que este tipo de iniciativa terá sobre a relação entre pessoas e espaço público, por outro, a representação acerca de eventos como esse por parte de produtores e envolvidos na cultura do lazer noturno indica a insatisfação com certos aspectos da vida urbana:

A gandaia mixou o maracatu da *Pilantragi* com o eletrônico udigrudi da *Voodoohop*, o beat fino da *Laço*, o bass da *Free Beats* e muito, muito mais. O pout-pourri se reproduziu no chão do baile, onde cada um foi o que quis, do jeito que quis. Deu pinta, pôs fantasia, rasgou seda ou ficou de canto em pose blasé. Ninguém igual, ninguém mais do que

¹⁸ http://oesquema.com.br/bateestaca/2014/02/14/a-noite-em-que-a-pista-de-danca-venceu-o-medo/?fb_action_ids=10152026336787979&fb_action_types=og.likes&fb_source=other_multiline&action_object_map=%5B505732799546696%5D&action_type_map=%5B%22og.likes%22%5D&action_ref_map=%5B%5D, acessado em 30/08/2014.

ninguém. Afinal, não custava nada para participar, era só chegar. Em épocas de cordões VIP, cobrança de taxa de 10% em buate, água mineral com preço de uísque 18 anos e outras exorbitâncias mais, tem coisa mais refrescante? Woodstock teve três dias de paz e música, São Paulo conseguiu uma noite inteira. Para uma cidade onde muitos só acreditam em grade e guarita, não é um ótimo começo?

O debate político acerca do tema começa a tomar a esfera oficial, como indica a realização, no último mês de março, do Seminário da Noite Paulistana. O evento, organizado pelo coletivo artístico Colaboratório em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, teve a proposta de refletir sobre “a noite urbana e suas implicações socioeconômicas, culturais e sociais”.

Um dos esforços do seminário foi o de buscar soluções coletivas para resolução de conflitos entre os diversos envolvidos quando se realiza de um evento, como moradores do entorno, comerciantes, frequentadores e produtores. A unanimidade era de que são necessárias alternativas à atuação da polícia, despreparada e autoritária, na mediação dos conflitos. O fato de que essa discussão tenha sido feita com o apoio de instâncias da prefeitura reflete mais uma vez a divisão entre as diferentes abordagens da questão.

Em abril desse ano, a prefeitura de São Paulo elaborou um material para participar da 40ª Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, na Argentina. Trata-se de um encarte publicitário denominado “São Paulo é uma cidade incrível”,¹⁹ com vários textos, em cada qual se divulga um aspecto da vida paulistana. A seção “Em todos os cantos – festas independentes e projetos culturais que ocupam espaços ociosos criam um novo movimento urbano, valorizando a convivência nas ruas da cidade”, escrita por Claudia Melo e Gustavo Fioratti, abordava as festas do Buraco da Minhoca, os eventos do Minhocão, a revitalização da Praça Roosevelt, a *Voodoohop*, e o coletivo “A Batata precisa de você”, de que falarei abaixo.

Antes, resalto um aspecto do texto acerca do Buraco da Minhoca que chama atenção. O trecho que conta sobre o surgimento do Buraco se coloca nos seguintes termos:

No início deste ano, um grupo de 30 jovens abriu mais uma possibilidade de ocupação. Na madrugada do dia 25 de janeiro, aniversário da cidade de São Paulo, *aproveitou que a*

¹⁹ Disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/comunicacao/arquivos/clarin_portugues.pdf.

Prefeitura fecha o trânsito debaixo de um viaduto do Centro em horários específicos. Com uma caixa de som portátil, sob o comando do DJ Chico Tchello, iniciou ali dentro uma festa.(p.10, ênfases minhas.)

Ou seja, o que teria começado, segundo o próprio Chico Tchello, após uma sequência de conflitos com o poder público, aparece no texto como decorrente de uma “boa” medida da prefeitura, o fechamento do túnel para os carros. Não há menção ao fato de que os jovens teriam fugido da repressão policial a um protesto (parte de uma série de protestos que costumam apresentar queixas também sobre a administração municipal) nem que a descida para o túnel teria sido motivada pela expulsão das pessoas da Praça Roosevelt pela Guarda Civil Metropolitana, órgão da prefeitura.

A menção ao “A Batata precisa de você”, por sua vez, pode ser relacionada à própria decisão da Prefeitura em eventualmente oferecer suporte ao movimento. O Largo da Batata passou por um grande processo de reforma nos últimos anos, com desapropriação de vários imóveis, sob o argumento da construção da estação Faria Lima da Linha 4 do metrô, inaugurada em 2010. Desde então, o Largo apresenta um enorme espaço completamente vazio, à exceção do prédio do metrô e algumas árvores plantadas, ainda muito pequenas. A ideia do Coletivo, então, é ocupar o espaço durante todas as noites de sexta-feira, com diferentes atividades. Os próprios participantes levam bancos, guarda-sóis e montam a estrutura para tornar “habitável” um espaço que se destaca pela “aridez”.²⁰

Um dos objetivos do movimento é ocupar o espaço, que é visto como um alvo cobiçado pelo mercado imobiliário, já que se trata de uma localização privilegiada na cidade. Recentemente, a prefeitura tem encampado as ações, oferecendo infra-estrutura, com palco e sistemas de iluminação e som. Na Festa Junina realizada em junho último, pude assistir a shows no pequeno palco oferecido pela Prefeitura. Nessa edição, havia uma mesa com comidas típicas levadas pelos participantes e distribuídas gratuitamente. Uma das organizadoras se dirigiu a mim, que acabara de chegar e beliscava um acepipe qualquer, com uma frase que parece sintetizar esse e outros movimentos da cidade hoje: “Isso aqui é uma festa, mas também é política”.

Há poucos dias, foi realizado no Largo o DW! Design Weekend, que instalou no local bancos de madeira, vasos de plantas e um jardim artificial. Com apoio da

²⁰ <https://www.facebook.com/abatataprecisadevoce/info>, acessado em 30/08/2014.

Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo, da Subprefeitura de Pinheiros, do “A Batata”, de estúdios de arquitetura e de empresas, a ação visou incentivar os paulistanos a usufruir dos espaços públicos da cidade. A ideia é que o material instalado fique permanentemente na praça.²¹

O encarte promocional da prefeitura aborda a Trackers, espaço que funcionava em alguns andares de um prédio antigo, no coração do centro da cidade e recebia várias festas, como a *Voodoohop*, que ilustra o texto:

As transformações provocadas por projetos independentes também resultam em atritos, até hoje resolvidos pacificamente. A *Voodoohop*, por exemplo, foi lacrada em 2010 pela prefeitura por falta de alvará. Meses depois, já readequada a cartilha de funcionamento, reabriu no mesmo endereço. (p.10)

Em primeiro lugar, podemos observar aqui também a confusão entre festa e espaço provocada por essa modalidade de eventos. A *Voodoohop* é conhecida como uma festa, que inclusive ocupa diferentes espaços, como praças, ruas, e a própria Trackers. Apesar de apresentar maior regularidade na Trackers, não é a única festa que acontece lá. Assim, o que de fato foi lacrado foi a Trackers, não a *Voodoohop*.

Em segundo lugar, não se sabe a que readequações o texto alude, já que, no último mês de junho, a Trackers foi lacrada novamente, por conta da falta de saídas de emergência e estruturas de acessibilidade, além de questões relativas à lotação da casa.

A Trackers ocupa uma posição curiosa em relação ao discurso das festas “de rua”, já que se tratava de um lugar fechado, que cobrava preços altos de entrada nos eventos realizados lá (cerca de R\$ 30,00). Terminava sendo mais restritivo que muitos *clubs* e boates, já que vários destes oferecem a possibilidade da “consumação mínima”, ou seja, paga-se um valor que é revertido em consumo. No caso da Trackers, a cobrança desse valor referia-se apenas à entrada no estabelecimento, valor que aumentaria se o frequentador desejasse consumir algo na festa.

Assim, as festas que ostentam um discurso que condena os preços altos dos estabelecimentos “tradicionais” encaravam uma contradição quando se realizavam na Trackers. Além disso, o desenrolar do episódio do lacramento da Trackers enseja outro paradoxo. O prédio, visto como abandonado por sem-teto que habitam a região após ser

²¹ <http://ciclovivo.com.br/noticia/largo-da-batata-sp-ganha-praca-com-grama-e-bancos-de-paletes>

lacrado, foi ocupado por estes. O proprietário do local chamou então a polícia para desocupá-lo. Como coordenar, assim, o discurso que prega a integração de todas as pessoas que “usam” a rua de diferentes maneiras com tal postura? Dilema semelhante enfrenta também o “A Batata precisa de você”, que tem promovido discussões para debater como lidar com o fato de que algumas pessoas em situação de rua têm se instalado nos novos bancos do Largo, dormindo ou mesmo “morando” neles.

Considerações Finais

A etnografia da cena das festas “de rua”, da qual o Buraco da Minhoca vem se mostrando um caso paradigmático, enseja uma série de observações e dinâmicas múltiplas acerca de categorias como tempo e espaço. A vida na cidade grande tem sido um tema recorrente nos novos movimentos, que tomaram força a partir dos protestos de junho de 2013. Outros fenômenos lançam novos desafios sobre a questão, como é o caso dos “rolezinhos” que se espalharam pelo país nos últimos meses.

Os rolezinhos são encontros marcados pela internet por jovens, em sua maioria negros e de periferia, para se encontrarem em shopping centers e circularem um grupo, cantando, paquerando e exibindo seu estilo particular, com roupas e acessórios de marcas consagradas entre eles. Os eventos ganharam uma dimensão enorme, que encorpou ainda mais com a repressão aos jovens, por parte de vários desses centros de compras Brasil a fora, com o apoio da polícia e do poder judiciário.

Bem como nos protestos de junho, em determinado momento, o rolezinho passou a ser uma manifestação que demandava o direito de circular. Estar na rua e estar no shopping adquiriam uma função política semelhante nas disputas, como afirma o antropólogo Renato Souza de Almeida:

“Sair de rolê...” significa dar uma circulada despreziosa pela vila ou pela cidade. É possível dar um rolê de trem, de ônibus ou a pé. Geralmente, o rolê está ligado ao lazer ou a alguma prática cultural. Sai de rolê o pichador, o skatista, o caminhante... O que vem chamando a atenção de muita gente é como um simples gesto de sair e circular de forma livre tem ocupado um papel central nas principais mobilizações juvenis na cidade de São Paulo nos últimos tempos. (ALMEIDA, 2014, p.10)

A incompreensão generalizada acerca do fenômeno levou a uma discussão sobre o que se entende por política cultural, seja no polo das classes populares, no caso dos rolezinhos, seja no debate mais voltado à classe média do citado “Seminário da noite paulistana”.

Para muitos adultos, as políticas culturais só se justificam se for para “tirar os jovens das ruas”. Para os jovens, ao contrário, suas ações culturais só têm força e sentido quando acontecem na rua, no espaço público. [...] Para demonstrarem que o desejo dos shoppings de assumir o lugar da rua fracassou, os jovens resolveram levar a rua para dentro dos próprios shoppings e escancararam a luta de classes na cidade. *É como se o povo não estivesse mais na rua para exigir seus direitos. A própria rua virou um direito que esses jovens exigem.* Uma das respostas encaminhadas pelo governo federal por conta das manifestações de junho foi a aprovação, no mês de agosto, do Estatuto da Juventude. Entre os “novos” direitos apontados em seus artigos, alguns enfatizam a importância da circulação e mobilidade dos jovens, seja no espaço urbano ou no campo. Esse direito, ao lado do direito à produção cultural e da ampliação dos espaços públicos de lazer, está no centro das reivindicações dos jovens, seja nos rolês nos shoppings ou nas jornadas das grandes avenidas. (ALMEIDA, 2014, p.10, ênfase minha.)

À discussão do espaço, é imprescindível, especialmente em meu campo, articular a ideia de tempo, que aliás já aparece nas representações dos atores, como vimos seguidamente nos episódios narrados. Além da ideia de *proposta*, que pressupõe um tempo específico, outras questões são lançadas. Um exemplo foi o próprio “Seminário da noite paulistana”: já no primeiro dos debates programados, intitulado “Poder público e planejamento urbano”, questões acerca do termo “noite” surgiram. O conjunto de eventos de lazer associados à bebida, música/ dança e sociabilidade, realizados em bares, boates, casa de shows e *clubs*, costuma ser chamado por vezes de “noite” ou, em São Paulo, “balada”. No entanto, a profusão de festas realizadas em espaços públicos, que muitas vezes começam ainda durante o dia, gerou a discussão acerca da limitação do termo, já que o fenômeno de tais festas foi um dos principais assuntos do encontro. Ou seja, pensar “balada” e “festa” nesse contexto já não é tão sinônimo de pensar a noite.

Há ainda uma dimensão de tempo relevante na cena, expressa nos indicadores de estilo, que aqui chamarei de “tempo de referência”. Na cena jovem urbana e cosmopolita, é comum que tanto na moda quanto na música produtores contemporâneos mobilizem sinais e referências de décadas passadas. Estas em seguida se diluem em tendências mais disseminadas, descolando-se do círculo mais restrito, avançando para um público amplo e se transformando no processo. Na linguagem da moda e do design, os termos *vintage* e *retro* dão conta de duas formas diferentes de se apropriar do passado. *Vintage* é um termo

tomado de empréstimo do universo dos vinhos e é usado para descrever roupas, acessórios, mobília e peças de design em geral que foram fabricadas em épocas anteriores e que circulam atualmente. Já *retrô* designa as peças fabricadas hoje que se inspiram em estilos de épocas passadas. Ainda que não sejam tão usados para falar de música, penso que estes termos se aplicam bem, visto que é comum tanto o culto a certos estilos musicais antigos quanto a produção de novas músicas, álbuns, artistas, e até mesmo novos estilos que não escondem sua inspiração em tempos idos.

Nas festas de rua que analiso, o vintage é tão frequente quanto o retrô: além de música recente, misturam-se jazz, samba e MPB de várias décadas, bem como a também setentista *disco music*. Os *looks* também pinçam aqui e lá referências de vários períodos, em formas, tecidos, estampas, acessórios, penteados e maquiagem - lá se vão echarpes, turbantes e purpurina, muita purpurina...

Como visto acima, o discurso dos produtores das festas aqui pesquisadas parece reivindicar uma relação com a ideia de prazer de uma forma menos restritiva, seja no uso do espaço público, na trilha sonora das festas ou nas práticas erótico-afetivas. Não surpreende, então, tantas referências temporais das décadas de 1960 e 1970, em que o discurso e a pretensão revolucionários se expressavam nos corpos e na produção artística de boa parcela da juventude militante e da classe artística.

O caráter político aparece nos materiais de divulgação das festas que, por vezes, assumem uma linguagem de manifesto, articulando as ideias de expressão artística e sexual e ocupação do espaço público, numa retórica de liberdade e fluidez. A festa *Bota na Roda*, do Rio de Janeiro, diz em texto na página do evento no Facebook²²:

Uma rua no coração da Lapa, onde viveram Madame Satã e Manuel Bandeira, por onde passava, dentre outros tantos, o bloco Caçadores de Veados, onde, desde a origem da cidade, se misturam o povo, as putas, os travestis, os transgressores, os artistas. Rua Moraes e Vale e sua encruzilhada com a Joaquim Silva, Beco do Rato, hoje, uma das ruas mais abandonadas da Lapa, onde resiste e vive gente simples, concentram-se catadores de material reciclado, e, cada vez mais, nós também. Na Casa Nuvem, nos refugiamos das bombas de gás lacrimogêneo, preparamos ações dissidentes, cultuamos a vida em duas rodas e pedal, brincamos de amor livre [...] nessa cidade em gentrificação, que enfim resolveu se indignar e partir pra rua. Pensamos em fazer desta roda um rito de nascimento e celebração deste pedaço de urbe que nos acolhe. Mais uma vez o domingo começa cedo, abrimos os trabalhos no início da tarde, com lavagem da rua e churrasco, água, fogo, música e dança,

²² <https://www.facebook.com/events/527412154016761/?fref=ts> , acessado em 30/08/2014.

elementos que nos unificam com os moradores da rua. Com o pôr do sol vem a catarse, rito de nascimento, big bang na encruzilhada. Essa Roda nasce do chão, da rua, da gente que por ela transita, nasce em transe, transgredindo... dançando, dançando, dançando... Na rua não se paga entrada, então se prepara porque vamos passar o chapéu. Corpinhos performáticos de todos os tipos sintam-se convidados a Botar na Roda, a Botar na Rua.

Vemos nesse texto a articulação entre diferentes tipos de transgressão, resgatando a história da cidade, numa conexão com tempos passados que confere a um lugar específico tal disposição “marginal”. Conecta também a repressão aos movimentos de junho com a gentrificação e a questão da ocupação da cidade, que se explicita na própria ocupação do Beco do Rato, repleto de casas antigas e desgastadas onde vivem famílias pobres.

A relação entre estilo, gênero, sexualidade e transgressão aparece nos mais diferentes contextos. Le Renard (2013) conta a história das *buya*, jovens sauditas que se vestem de maneira andrógina e reivindicam que, antes de necessariamente um indicativo de homossexualidade ou masculinização, trata-se de um estilo. O caráter da relação entre estilo e política, no entanto, não é de causalidade inequívoca. Nem se trata simplesmente de uma estratégia de expressão das insatisfações, nem tampouco de um “gatilho” de postura política:

Os discursos evocados aqui traduzem não suas razões para adotar tal forma de se vestir, mas na maioria das vezes a maneira como elas justificam esse estilo *a posteriori* e se dão conta das dificuldades com as quais se confrontam no dia a dia. O “estilo” é acompanhado frequentemente por uma contestação do modelo dominante de feminilidade, o que não significa, no entanto, que se trate de uma estratégia por parte daquelas que o adotam. (LE RENARD, 2013)

O lugar da estratégia nos fenômenos a que me refiro aqui não é unívoco, se apresenta em diferentes níveis. Enquanto Le Renard aponta uma politização posterior da estética no caso das *buya*, Dowbor e Szwako buscam focar a estética como parte da estratégia nas manifestações brasileiras recentes:

Os movimentos se conformam como equipes, cuja cooperação íntima e duradoura entre suas personagens constrói uma disposição *estético-ideológico-estratégica* amparada no acúmulo prévio de saberes e de experiências vividas coletiva e individualmente. Uma leitura dramaturgica dos movimentos não tira deles seu componente estratégico; os meios para alcançar seus objetivos tanto podem ser lidos a partir de metáforas teatrais como dela se nutrem. (DOWBOR & SZWAKO, 2013, p. 45, ênfase minha.)

A ambivalência na relação entre discurso político e estilo está presente também no campo das festas de rua: a observação participante e entrevistas mostram como a intenção do discurso encontra barreiras, tanto simbólicas quanto materiais, e quanto a prática é mais complexa do que o simples “na rua não se paga entrada”.

A convergência do discurso de liberdade e das expressões musicais, estéticas e eróticas não impede certos conflitos, contradições e produção de distinções. Isso aparece em alguns dos episódios aqui expostos, como certa moralidade nos textos da página do Buraco ao considerar algumas formas de diversão “melhores” do que outras, ou os limites das festas “de rua” quando adentram espaços privados ou ainda a posição intermediária que a prefeitura parece ocupar. Além disso, algumas das festas mantêm segredo sobre o local de realização, que só é revelado mediante cadastro por e-mail, sob o pretexto de “selecionar o público”, nas palavras do organizador de uma delas. Não fica claro, no entanto, que espécie de seleção é essa, a que critérios corresponde e, mais do que isso, como se concilia a ideia de “seleção” com os objetivos libertários propagandeados a todo tempo.

Nesse paper, procurei traçar o cenário no qual venho observando as relações entre estilo, política e os marcadores sociais da diferença, numa dinâmica complexa, repleta de ambivalências e reviravoltas. Admito que há muitos caminhos abertos e ainda não tão traçados; pretendo ao longo da pesquisa construir certa ordem em meio ao caos desse vasto campo. Por ora, termino com um exemplo vivido na etnografia, no qual pude sentir *in loco* o peso do limite dos discursos.

Uma edição da *Voodoohop* na *Virada Cultural* de 2013 chamou minha atenção no que se refere às barreiras simbólicas citadas acima. A festa aconteceu numa área empobrecida próxima à Estação da Luz, em um terreno apenas parcialmente cercado com alguns arames; eram várias as entradas para o espaço da festa. No entanto, essa “abertura” não impedia que se configurasse um recorte explícito entre o público que dançava no meio do terreno e as pessoas que ficavam na rua ou nos bares ao redor, aparentemente moradores e frequentadores costumeiros da região. Para além do discurso, as desigualdades, a produção da diferença e a distinção se reinventam na dinâmica da vida social.

Bibliografia

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade. Lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ALMEIDA, Renato Souza de. O rolezinho nas ruas do consumo e do protesto. *Le Monde Diplomatique Brasil*, fevereiro de 2014.

DOWBOR, Monika & SZWAKO, José, “Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013.” *Novoas Estudos*, n. 97, novembro de 2013.

EUGENIO, Fernanda. Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, homossexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado. Campinas, Unicamp, 2008.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares. Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado. Campinas, Unicamp, 2010.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HALPERIN, David. *How to be gay*. Cambridge: Belknap/Harvard, 2012.

HEBIDGE, Dick. *Subculture: The Meaning of Style*. London: Methuen, 1979.

LE RENARD, Amélie. “Les buya. Subversion des normes de genre en Arabie Saoudite.” In J BONNEFOY, L. e CATUSSE, M. *Jeunesses arabes. Les loisirs d’une génération, du Maroc au Yémen*. La Découverte, Paris, 2013.

LOBERT, Rosemary. *A palavra mágica: a vida cotidiana do Dzi Croquettes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MECCIA, Ernesto. *Los ultimos homosexuales: sociologia da la homosexualidad y la gaycidad*. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

PALOMINO, Erika. *Babado forte. Moda, música e noite na virada do século 21*. São Paulo: Mandarin, 1999.

PUCCINELLI, Bruno. *Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo, 2013.

ROCHA, Ane Talita S. *Construindo desejos e diferenças: uma etnografia da cena indie rock paulistana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.

SIMMEL, Georg. A Sociabilidade. In: Questões Fundamentais de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMÕES, Julio; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. “Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo”. *Cadernos Pagu* (35). Campinas, Unicamp, 2010.

VEGA, Alexandre Paulino. *Estilos e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferença entre jovens em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008.